

Ensaio sobre *O sentido esotérico da história*

FILIPE CORTESÃO*

Raul Leal escreve em abril de 1962 o artigo «O Sentido Esotérico da História», o qual acabou por ser publicado no «Diário da Manhã» em 28 de maio desse mesmo ano. Nesse texto, de reduzida extensão, brinda-nos de forma concentrada com a sua transcendência, manifesta a consistência do seu pensamento e acima de tudo a clareza visionária que o distingue dos pensadores, filósofos, poetas, artistas e escritores da sua época, mais se diria que revela uma posição ímpar e transversal no tempo. Um tempo que não é cronológico, um tempo que é dos homens, deles e para eles, é neles, uma «criação, consciente ou subconscientemente inspirada por Deus»¹, um *animus* que exalta a sua completude primária, uma «Força Criadora, guiada por uma Razão Providencial, verdadeiramente Teleológica e tão íntima que tem mesmo um carácter oculto, esotérico»² que habita na natureza do homem enquanto dínamo cósmico.

O lugar que Leal ocupa estava reservado para si de um modo muito próprio. Com efeito, o seu modo, sintético como o faz, percebemo-lo olhando ao redor, onde apesar de haver «quem pense o Ser, quem pense a Natureza, quem pense o Homem, [e] quem pense a Ciência»³, ele, Leal, «não pensou nada disso específica e propriamente»⁴. Bem por outro lado, foi mais além, dir-se-ia mesmo, além e aquém, uma vez que «pensou tudo como se tudo fosse um todo só, uma bola redonda, e compósita e espessa, onde fosse quimicamente impossível distinguir a base dos associados e

* Aluno do Programa Doutoral em Filosofia e Mestre em Filosofia pela FLUP, Mestre e Licenciado em Economia pela FEUC, Investigador do Instituto de Filosofia da FLUP.

1 R. LEAL, «O sentido esotérico da história», in R. DE O.S. LEAL (HENOCH), *O Sentido Esotérico da História*, Livraria Portugal, Lisboa 1970, pp. 41-46, p. 41.

2 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 41.

3 J. PINHARANDA GOMES, «Raul Leal: a vertigem da utopia absoluta», in P. CALAFATE (dir.), *História do Pensamento Filosófico Português*, vol. V, tomo 1, Caminho, Lisboa 2000, pp. 263-272, p. 267.

4 PINHARANDA GOMES, «Raul Leal: a vertigem...», op. cit., p. 267.

dos catalisadores»⁵, uma espécie de paradoxo cósmico, para onde tudo converge e onde tudo diverge, onde o tudo e o todo se fundem sem que deixem de o ser.

No artigo «O Sentido Esotérico da História», é oferecida uma perspectiva sobre resultados históricos através de uma retrospectiva esotérica que busca conciliar e reparar um caminho de redenção, que permite concluir a obra inacabada, a ascensão da Humanidade ao sublime da sua existência. Portugal e os portugueses ocupam papel de destaque na reposição do equilíbrio entre a matéria e o espírito. De acordo com Raul Leal, existe uma «desorganização caotizadora»⁶, como o demonstrariam na época as convulsões em África, fruto do «estímulo da materialista ou podre impotência ocidental assim como, por outro lado, do orgânico e despótico ateísmo de Este»⁷. Tal impotência ocidental é reflexo de uma variedade e dinâmica universal, que não é de todo desconhecida a Leal, e se expressa no «complexo da Existência concreta, a que fazia sentir ao Homem a sua obliquidade, em imperfeição mundanal»⁸, abrindo-se portas a uma necessária universalidade, a qual «teria de ser apreendida a partir do esgotamento do Mundo»⁹, permitindo deste modo «exaurir a condição mutável, tornar nula a sensação de relação concreta, ultrapassada toda a possível relatividade»¹⁰. Neste sentido, a mundana materialidade profana a comunhão espiritual como vocação vexante ao se aproveitar da «fraqueza então gerada, [para] poder dominar, imperar – com pulso de ferro»¹¹. Raul Leal rejeita este mesmo domínio enquanto produto de um imperativo racional, determinístico de uma (des)ordem que recusa. Daí a sua recusa da «Razão», em resposta a Álvaro Maia ao afirmar que:

[...] esta (a Razão), procurando sempre determinar, delimitar precisamente tudo, a tudo põe limites, sendo a consagração herética do Limitado. Deus é o Infinito e impor o Limitado, como o impõe a sacrílega Razão, é negar

5 PINHARANDA GOMES, «Raul Leal: a vertigem...», op. cit., p. 267.

6 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 41.

7 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 41.

8 PINHARANDA GOMES, «Raul Leal: a vertigem...», op. cit., p. 267.

9 PINHARANDA GOMES, «Raul Leal: a vertigem...», op. cit., p. 267.

10 PINHARANDA GOMES, «Raul Leal: a vertigem...», op. cit., p. 267.

11 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 41.

Deus! Se o Infinito não vai contra limites é que ultrapassa metafisicamente todos os limites, obra da Razão que determina, que delimita, que *limita* tudo. O Infinito ultrapassa pois a Razão, é Ultra-razão em Vertigem¹².

Mergulhamos pela mão de Raul Leal num vórtice libertador de horizontes, barreiras e limitações que se vão impondo não pela força da razão do ser instituído, antes sim, sobretudo, pelo alvorar vertiginoso da relação una entre os opostos, uma vez que:

[...] na incindível relação contrástica de tudo com tudo, a radicação individual ético-ontológica permite, nessa máxima interioridade subjectiva, descobrir a objectividade pura de uma divinização absoluta que será sempre uma transcensão, uma vez que, não sendo monista ou panteísta, o Profeta destaca que entre o plano imanente e o transcendente existe uma distinção vertigica¹³.

O artigo em discussão releva a visão profundamente mística da evolução da humanidade e da própria história que alimenta Raul Leal e que este fundamenta na sua visão transcendente dos acontecimentos. Conforme afirma Leonardo Coimbra, numa investida contra Leal, o autor «quer chegar à verdade, ativamente convulsa, transcendendo todos os pontos de vista e todas as cousas»¹⁴. A dificuldade em compreender Leal inscreve-se precisamente aqui, nos debates que se erguem enquanto resultado dos contrastes, a saber, aqueles que o autor ultrapassa admitindo-os como dinâmicas de uma mesma razão, vetores de igual força e direção que apenas divergem no sentido, e como tal complementares, harmónicos, unos, «abolindo as distinções espaciais, temporais ou substanciais». Para tal, «Raul Leal reduz todas as realidades a ficções, se tomadas em si;

12 R. LOPO, «Raul Leal e Fernando Pessoa: Um Sublimado Furor Diabolicamente Divino», *Pessoa Plural* 3 (prim. 2013) 1-27, DOI: <https://doi.org/10.7301/Z0J38R1N>, p. 16.

13 P. VISTAS, «Raul Leal ou da Inclassificável Vertigem: A Propósito da Tentadora Atribuição do Título de “Surrealista” À Obra Lealina», in E. RODRIGUES – R. SOUSA (eds.), *A Dinâmica dos Olhares – Cem Anos de Literatura e Cultura em Portugal*, CLEPUL, Lisboa 2017, pp. 181-196, p. 195.

14 L. COIMBRA, «A Liberdade Transcendente de Raul de Oliveira Leal», *A Águia*, 2ª série 23 (nov. 1913) 160 (incluído em *Obras Completas (1913-1915)*, vol. II, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa 2005, pp. 138-139).

mas absolutamente reais, em virtude do ser, do eu, da mónada, que nelas se descobre, se recreia ou abisma»¹⁵.

Existe uma certa concepção estaminal ausente da «distinção entre o mal e o bem, pois não há, em rigor, senão múltiplas facetas, manifestações, momentos de si mesma, num movimento caleidoscópico, em que uns aspetos se transformam noutros, porque, na realidade, são sempre o mesmo ou brotam do mesmo, de si mesmo»¹⁶. Leal não concilia os opostos, ele admite-os, aceita-os na sua relação de oposição, dir-se-ia de posições polarizadas, como que fruto de uma necessária hermenêutica determinística: «em suma, a realidade é um todo unido, sem partes realmente distintas, cujos aspetos, infinitamente diversos no seu devir permanente, geram a Vertigem»¹⁷.

O artigo traz à tona a afinidade de Raul Leal com o Futurismo, concretamente o seu esforço para convencer Marinetti a abraçar um futurismo esotérico, mais espiritualizado. Com efeito, ele «nasceu, cresceu, atuou e pensou perante uma geração para a qual tudo aquilo que ele pensava constituía senão um resíduo inócuo e prejudicial daquele estado febril que levou tantos à visão do invisível»¹⁸, motivo que lhe valeu a tentativa de apagar o seu nome da história da revista *Orpheu*¹⁹. Nele há uma condenação do mundo moderno e uma antítese entre um Ocidente decadente e um Oriente ateu e despótico, fatores que ele vê como barreiras ao verdadeiro destino espiritual do homem. Denota-se uma concepção dialética da história, onde períodos de caos e destruição são seguidos por uma reação purificadora que conduz à redenção e ao retorno ao princípio espiritual, conforme aponta no caso do Império Romano: «dissolução materializadora, o Império Romano, tornado assim impotente, tornou-se pasto de bárbaros incoerentes»²⁰, uma vez que os povos germanos possuíam «características psicológicas em que imperava uma verdadeira vida profunda de alma»²¹, estendendo os seus mesmos considerandos

15 J. DOMINGUES, «Situação de Raul Leal», *Nova Águia* 16 (2º sem. 2015) 123-130, p. 125.

16 DOMINGUES, «Situação de Raul Leal», op. cit., p. 125.

17 DOMINGUES, «Situação de Raul Leal», op. cit., p. 125.

18 PINHARANDA GOMES, «Raul Leal: a vertigem...», op. cit., p. 263.

19 Cf. LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 42.

20 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 41.

21 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 41.

aos russos por possuírem «as necessidades características vertiginosamente psicológicas para receberem o Paracletianismo»²², isto porque «a Vertigem é com efeito a suprema imprecisão anti-racional ou, antes, ultra-racional, das cousas mergulhadas no infinito de Deus [...] logo, a Vertigem é sagrada, é divina. O infinito é o Indefinido Absoluto, é a própria Vertigem que é assim Deus»²³, cabendo também a eles (russos) a missão de, «quando inspirados pelo Divino Paracleto, espalhar o meu Credo»²⁴, nada mais que o «Credo Português nos países muçulmanos do Médio Oriente e Norte de África, destruindo o Império do falso profeta Mohamed para imporem por fim o Verdadeiro»²⁵, colocando aqui a nu o luso-centrismo do seu pensamento, «de elogio das características fusio-nistas que estariam impressas no carácter psico-étnico português»²⁶, anunciando:

Queiram ou não queiram, será esse o Sentido Esotérico, o culto da próxima História Redentora, guiada providencialmente por Deus, essencializado em nós, Portugueses, que assim realizaremos o Sonho Sebastianista, o Sonho Paracletiano do Quinto Império Bíblico ou Terceiro Reino Divino²⁷.

Pinharanda ilumina os traços caracterizantes que Raul Leal em nada se esmera por retrain. Bem pelo contrário, torna-os evidentes, coloca-os em destaque a cada oportunidade de projetar a sua «vertiginificante Astralédia»²⁸, nada mais que o «lugar utópico onde os homens viverão após a vinda do Espírito, que tornará possível o domínio do universo astral pelo Homem»²⁹, ao identificar Leal como «irmão espiritual de Joaquim de Fiora, companheiro visionário de Bandarra, ouvinte exaltado António Vieira, confrade de Moros e Campanella»³⁰, herança que faz exhibir ao vislumbra-mento uma terceira era espiritual apenas possível no encalce da

22 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 42.

23 R. LEAL *apud* LOPO, «Raul Leal e Fernando Pessoa», op. cit., p. 16.

24 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 42.

25 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 42.

26 Raul Leal *apud* LOPO, «Raul Leal e Fernando Pessoa», op. cit., p. 6.

27 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 42.

28 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 42.

29 PINHARANDA GOMES, «Raul Leal: a vertigem...», op. cit., p. 268.

30 PINHARANDA GOMES, «Raul Leal: a vertigem...», op. cit., p. 263.

realização do Quinto Império, assente num crente sebastianismo enquanto força motriz que se faz imbuir numa utopia espiritual e mística.

Estamos, inevitavelmente, perante um «poeta visionário, talvez a mais genuína vocação de um radical expressionismo poético, sacrificado à especulação místico-heterodoxa»³¹, o qual revela «especial simpatia pelas concepções que valorizam a dinâmica do tempo, mormente o histórico, incluídas as variantes do messianismo, a ponto de se arvorar em profeta do Paracletianismo»³². Leal desenha objetivamente a emancipação do homem, ser humano, transcendendo-se a si ao alcançar patamares superiores da consciência que o elevam acima da materialidade da realidade aparente, onde se oculta o sublime, o uno, onde «não há possibilidade surreal pois tudo é já infinito, sendo tudo Deus»³³. Processa assim um salto intuitivo do ser para o ser-em-si, uma transmutação sem correspondência, vertiginosa, não-racional, mais concretamente alquímica que permite transformar o chumbo em ouro, isto é, não havendo lugar a:

[...] qualquer dicotomização que observe formas morais ou hierarquias de valores ainda extrinsecistas, integrando-se o bestial, o monstruoso ou a luxúria, sendo que a sua qualidade ética fica dependente do móbil do acto em sede de consciência e de instanciação espiritual, e não do acto em si mesmo considerado³⁴.

A profanação da sublimação do espírito ocorrida pelos povos africanos e na Ásia é para Raul Leal um «bem mal cozinhado produto de importação da Europa Ocidental»³⁵, fruto de «“méneurs” corruptos, demagógicos e baixamente interesseiros, enfim, vários lumumbas sanguinários [que] infestam essas regiões de negros e pardos»³⁶, cuja salvação encontra lugar e meio pela obra de um «*Predestinado*»³⁷. Alude assim ao ditador, Salazar, «apresentado como timoneiro da “Barca Triunfal

31 N. JÚDICE *apud* PINHARANDA GOMES, «Raul Leal: a vertigem...», op. cit., p. 267.

32 DOMINGUES, «Situação de Raul Leal», op. cit., p. 127.

33 VISTAS, «Raul Leal ou da Inclassificável Vertigem», op. cit., p. 194.

34 VISTAS, «Raul Leal ou da Inclassificável Vertigem», op. cit., p. 194.

35 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 43.

36 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 43.

37 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 43.

Lusitana”, um novo Noé enfrentando um Dilúvio Apocalíptico, agora decorrente de um conflito nuclear imputável à ambição das superpotências de dominar o Mundo»³⁸, pela mão de quem «o nosso Portugal, a nossa velha Lusitânia consolidará generalizadamente esta predestinação que é precisamente sua»³⁹, que é exatamente, nas suas palavras, a «divinização do Mundo»⁴⁰. Alinhando-se assim com os propósitos do regime, Leal «defendia a manutenção do Império ultramarino português, pois acreditava que Portugal tinha um papel de relevo no mundo: o de civilizar os povos autóctones, fruto da sua capacidade para os elevar espiritualmente»⁴¹, apenas possível através de uma elite de intelectuais ao comando salarazista:

[...] conduzidos pela sua Voz que “troará como Trompa Divina”, trarão a glória a Portugal, colocando-o na vanguarda da Civilização Paracletiana, conceção utópica em que o Estado é gerido por pensadores que sublimam a Vida, num paralelo estabelecido com a Idade de Ouro dos Descobrimentos portugueses⁴².

Seria eventualmente redutor apreciar aqui uma posição política de Raul Leal, até mesmo porque o próprio manifestar-se-ia como monárquico: «não só eu e Guilherme Santa Rita éramos monárquicos confessos (creio que também Sá Carneiro), mas igualmente o Fernando [Pessoa]»⁴³. É de recordar que o seu pensamento, a sua visão da realidade aparente, vai além dos círculos de Dante onde muitos se encontram mergulhados, enleados, «o vertigoso idealismo realista de Leal admite que a realidade jaz no inclassificável e no impreciso infinito ultra-racional de Deus, pelo que não se trata já de uma transfiguração gnóstica mas de uma mística anuência oblativa»⁴⁴. Estamos assim perante:

38 A. ALMEIDA, «“Salvé Salazar!” Uma carta de Raul Leal (Henoch) ao fundador do Estado Novo português», *Pessoa Plural*, 13 (prim. 2018) 73-86, p. 79.

39 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 44.

40 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 44.

41 ALMEIDA, «“Salvé Salazar!” Uma carta de Raul Leal...», op. cit., p. 81.

42 ALMEIDA, «“Salvé Salazar!” Uma carta de Raul Leal...», op. cit., p. 80.

43 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 43.

44 VISTAS, «Raul Leal ou da Inclassificável Vertigem», op. cit., p. 189.

[...] o sindicalismo personalista lealino, de alcance paracletico, [que] em muito sobrepuja o materialismo histórico, e, conquanto integra o comunismo como uma arquitrave de um sistema que combina ainda o individualismo e o fascismo, fá-lo de um modo em tudo incompatível com o esquerdismo sociométrico em causa no surrealismo, porquanto se apresenta antes como uma aristocracia natural, seguindo com alguma proximidade o modelo socrático-platónico⁴⁵.

No seu artigo, aqui em perspectiva, Raul Leal «profetizava a plena realização do Quinto Império Bíblico»⁴⁶, onde «o povo português era o candidato ideal a espalhar o Paracletianismo, dominando o mundo por obra do Espírito e não da Matéria como o faziam os americanos (capitalismo liberal) e os soviéticos (materialismo dialético)»⁴⁷. Contava para o cumprimento de tão augusta missão com a «Juventude»⁴⁸, uma vez que nela reside «uma grande massa de jovens, com espírito cada vez mais alto, [que] abomina tal perversão de carácter [de mentores e até traidores pseudodemocratas comunizantes] e crê exaltadamente na salvação purificadora da Pátria»⁴⁹, a Pátria que é «a unidade motriz do universo futuro. O Quinto Império, a vitória do Paracleto, a assunção final da suprema condição humana, liberta de pecado e de erro»⁵⁰, como também o é «aquele Portugal que, encarnando a consciência da errática condição humana, abra as portas a todos os homens e dê a cada um deles o vigor de saltar, ou de salvar, o Mundo»⁵¹, apoiando-se assim na «Mocidade Portuguesa» cujo fulgor a permitirá alcançar o *Amenti*, predestinada, salvadora da humanidade.

Deixa-se adivinhar uma viagem gnóstica, no seu sentido mais místico, do processo introspectivo de (re)conhecimento do eu, no vislumbre de Leal, desde o passado, passando pelo presente e chegando a um futuro, um futuro que é já hoje, é Leal, são três passos além das colunas que

45 VISTAS, «Raul Leal ou da Inclassificável Vertigem», op. cit., p. 190.

46 ALMEIDA, «“Salvé Salazar!” Uma carta de Raul Leal...», op. cit., p. 81.

47 ALMEIDA, «“Salvé Salazar!” Uma carta de Raul Leal...», op. cit., p. 81.

48 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 44.

49 LEAL, «O sentido esotérico da história», op. cit., p. 44.

50 PINHARANDA GOMES, «Raul Leal: a vertigem...», op. cit., p. 270.

51 PINHARANDA GOMES, «Raul Leal: a vertigem...», op. cit., p. 270.

sustentam o templo universal, acontecendo na sua gradualidade esotérica, de caráter marcadamente iniciático, ou de saltos iniciáticos que têm a sua chave-mestra na iniciação desses mesmos neófitos da Pátria, num (re)encontro dialético consigo próprios, a ascensão à consciência-de-si enquanto processo hermenêutico que reacende a chama eterna ontológica da humanidade.

O artigo, «O Sentido Esotérico da História», expõe sobejamente um «pensador poético e poeta filosófico, [que] constitui um caso de pensamento solitário, sem óbvia relação contextual, e, portanto, um caso singular que funde pensamento e vida, ou imerge na mais radical subjetividade do ser»⁵². Esse seu artigo, como toda a sua obra, conta em particular com um sumo concentrado da sua transcendência, que «se dispõe no futuro, até porque futurar é transcender, e é esse o processo pelo qual Leal pretende aceder ao transcendente, objecto que acima de tudo visa, reconhece-se-lhe uma especial congenialidade com o futurismo»⁵³, motivo forte o suficiente para apossar-se do sentimento profético, autoproclamando-se de profeta, profetizando «um novo Reino, uma Teocracia Paracletiana»⁵⁴, onde a «Vertigem é a noção e a vivência congenital do Universo»⁵⁵, onde Portugal e os portugueses ocupam um papel determinante.

Se Leal marcou o futurismo, o futurismo certamente não será marca sua, seria defini-lo, impor-lhe limites, seria encontrar os polos do Universo, o mesmo que se funde com o Homem, onde o Homem se funde consigo próprio, o mesmo onde o poeta, o artista, o pensador, o filósofo, o Raul Leal se transcende!

52 PINHARANDA GOMES, «Raul Leal: a vertigem...», op. cit., p. 271.

53 VISTAS, «Raul Leal ou da Inclassificável Vertigem», op. cit., p. 184.

54 M.P. DA SILVA, «Raul Leal, o filósofo “futurista” de Orpheu», *Estranhar Pessoa*, 2 (out. 2015) 110-119, p. 118.

55 PINHARANDA GOMES, «Raul Leal: a vertigem...», op. cit., p. 268.

